



**UESB**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional  
VI Colóquio Internacional  
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18  
outubro  
2019**

## **WALDEN II E OS INTERCURSOS ENTRE LIBERDADE E DEMOCRACIA NA (U)[DIS]TOPIA DE SKINNER**

Brenda Luara dos Santos de Souza  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil  
Endereço eletrônico: [brendaluara.academico@gmail.com](mailto:brendaluara.academico@gmail.com)

### **INTRODUÇÃO**

Na obra de ficção *Walden II: uma sociedade do futuro*, Skinner narra a visita de um grupo de pessoas, dentre eles o professor de psicologia Burris e o filósofo Castle, à comunidade utópica de Walden II, conduzida pelo behaviorista Frazier, idealizador da comunidade. Walden II é uma comunidade experimental autossustentável, localizado em algum lugar ao norte dos Estados Unidos da América, no qual todas as atividades executadas pelos seus membros têm por base o reforço positivo da ciência do comportamento – desde as formativas, às relações de trabalho, inclusive as produções artísticas.

Dessa forma, o presente estudo tem por objetivo identificar as noções de liberdade e democracia apontadas nos diálogos entre os personagens Castle, filósofo e professor, e o behaviorista Frazier, a luz das concepções linguísticas do Círculo de Bakhtin com foco nas noções de tema e significante de Bakhtin.

### **MÉTODO**

Segundo o Círculo de Bakhtin (VOLÓCHINOV, 2017), o diálogo não se resume a comunicação verbal face a face, sendo que o discurso escrito “participa de uma espécie de discussão ideológica em grande escala” (p. 219). Nesse contexto, para Capriole (2018), o discurso literário, mesmo que seu conteúdo seja totalmente fictício, localiza-se em determinado contexto social, histórico e subjetivo, que apresenta traços de como os seus sentidos são produzidos. Devendo-se a essa polissemia, ficções distópicas são um recurso amplo para a análise de cenários políticos contemporâneos (*1984* de George Orwell, *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley, *O Conto de Aia* de Margaret Atwood). Isso posto, analisaremos discursivamente os diálogos entre Frazier<sup>1</sup> (fundador de Walden II)

<sup>1</sup> Frazier é o personagem que apresenta quantitativo maior de falas que os outros dois personagens, devendo-se talvez ao que Dittrich (2004) indicaria ser ele um alter ego do próprio Skinner, por suas posições, com poucas modificações, serem aquelas que Skinner defenderia ao longo de sua carreira – e o próprio autor



e Castle (o antagonista) com vista em apreender as significações produzidas a partir dos temas liberdade e democracia, considerando ainda a decisão de Burris ao final do livro.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo da narrativa, o tema liberdade é abordado sob duas perspectivas: uma, encontra-se no campo ético-filosófico através do personagem Castle; outra, do ponto de vista científico e experimental defendido por Frazier. O estudo de Dittrich (2004) indica que esse é um questionamento comum ao pensamento behaviorista, e é sob ele que Castle vai sustentar durante grande parte do livro o seu ceticismo frente as intenções de Frazier com Walden II, principalmente pelo objetivismo científico no trato com o cotidiano das pessoas.

A liberdade enquanto tema é conceituada por Frazier a partir das noções de repressão física (comum em governos totalitários) e a psicológica (comum em governos ditos democráticos) – onde a física consiste em grades e ou prisões, que limitam diretamente a capacidade de escolha individual; a psicológica envolve a coerção e/ou manipulação de informações –, que se utilizando do exemplo dado por Castle, Frazier coloca que tem a liberdade de segurar ou soltar uma caixa de fósforo “no sentido em que ninguém o estava impedindo. Se estivesse seguramente preso pela mão, ele não estaria livre. Nem teria sido livre se eu lhe tivesse apontado um revólver e ameaçado disparar se ele deixasse cair a caixa” (SKINNER, 1972, p. 259).

Dittrich (2004) contribui com nossa reflexão ao apontar que, para Skinner, as benesses da democracia burguesa se resumem em liberdade para o desenvolvimento científico, e na inviabilização de despotismos. Conquanto, ela não deve ser tida como o apogeu dos modos de governo uma vez que ela também se utiliza da ciência do comportamento para beneficiar uma parcela mínima da população e que raramente se interessa pelo bem comum, como seu uso pelos cientistas de Walden II (SKINNER, 1972). Dessa forma, podemos indicar então que o tema da liberdade para Frazier está atravessada de dois significantes: 1) a liberdade democrática onde uns sutilmente condiciona o comportamento dos outros através de restrições físicas e ou psicológicas,

diria, em sua autobiografia, que “os pontos de vista de Frazier são essencialmente os meus – ainda mais agora do que quando escrevi” (2004, p 335).



ou; 2) a liberdade em Walden II em que todos os membros sabem que se trata de uma comunidade estruturada através da ciência do comportamento.

Dessa forma, ou a liberdade não existe (e a democracia é uma farsa), ou Walden II é o lugar mais livre do mundo, já que não há repressão física ou psicológica, onde os moradores estão cientes de sua estrutura, colocando a questão para além de uma noção moral, mas científica. Neste sentido, o pensamento do Círculo de Bakhtin entende dialogismo como uma atividade linguística entre um Eu e um Outro marcada pela alteridade. Fica evidente a alteridade entre o Eu e Outro quando entendemos Frazier como porta-voz de Skinner, e Castle como a comunidade semiótica dos seus opositores, bem como no dualismo entre a ciência experimental e o pensamento filosófico.

Para a análise do discurso bakhtiniana, todo enunciado possui um tema, “o tema do enunciado é tão concreto quanto o momento histórico ao qual ele pertence” e, no interior depreende-se a significação como “aspectos do enunciado que são repetíveis e iguais a si mesmos em todas as ocorrências” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 228). Assim sendo, as proposições sobre liberdade no pensamento de Skinner indicam sua preocupação enquanto cientista experimental em busca de fazer ciência e defendê-la como possibilitadora do bem comum. Entretanto, considerando ainda que “o tema do enunciado é essencialmente indivisível. De modo diferente, a significação se decompõe em uma série de significações em conformidade com os elementos linguísticos do enunciado” (*idem*, p. 229), a própria narrativa indica, por vezes, interesses científicos acima dos interesses sociais, o que reflete a opinião do autor-cientista.

Destarte, sua argumentação prioriza uma contraposição que busca ir além de determinismo óbvios, mesmo que para ele a liberdade seja uma mera questão linguística (apontaremos mais a frente), ele defende que a vida em Walden II tem provado sua eficácia para o bem comum, “o fato é que não só podemos controlar o comportamento humano: devemos fazê-lo” (SKINNER, 1972, p. 254).

Todavia, ao final do livro, Frazier leva Burris para um local onde é possível contemplar de cima toda Walden II. É nesse o momento em que Skinner nos relewa algo improvável para o encerramento da visita, é necessário citar

Não, realmente. O paralelo é muito fascinante [sua criação e a Criação]. Nosso amigo Castle está preocupado com o conflito entre a ditadura a longo prazo e a liberdade. Não sabe que está simplesmente levantando a velha questão de determinismo e livre arbítrio? Tudo o que acontece



está contido num plano original, ainda que, a cada estágio, o indivíduo pareça estar fazendo escolhas e determinando a saída. O mesmo se aplica em Walden II. Nossos membros estão praticamente sempre fazendo o que *querem* fazer — o que eles *escolhem* fazer — mas nós cuidamos para que eles queiram fazer precisamente as coisas que são melhores para eles e para a comunidade. Seu comportamento é determinado, ainda que eles sejam livres. — Ditadura e liberdade — determinismo e livre arbítrio, continuou Frazier. O que é isso senão pseudo-questões de origem lingüística? [...]

— Então Castle estava certo. Você é um ditador, afinal.

— Não mais do que Deus. Ou menos. De um modo geral, deixei as coisas correrem. Nunca dei um passo para apagar os maus trabalhos dos homens com um grande dilúvio. E nem mandei um emissário pessoal para revelar o meu plano e pôr o meu povo de volta no caminho certo. A intenção original considerou os desvios e providenciou correções automáticas. É uma melhora sobre o Gênese (SKINNER, 1972, p 293-4).

Ainda assim, o diálogo entre Burris e Frazier segue no sentido de que, apesar da conturbada percepção de si e de sua criação, ela funciona no que se propõe a funcionar: um local não competitivo e nem reacionário como a maioria das comunidades utópicas se dispõem a ser, inclusive pelo fato de as pessoas ficarem em Walden II por acreditarem em seu funcionamento. Entretanto, apesar do desfecho, e de sua pouca afeição por Frazier (anterior a visita a Walden II, evidenciado várias vezes durante a obra), mesmo depois de ir embora de Walden II: Burris opta por tornar-se um membro da comunidade utópica.

## CONCLUSÃO

Toda a argumentação da obra aponta a destreza de Skinner em destacar o processo construtivo da democracia a um século atrás, reconhecendo suas deficiências que a cada ano alcança um nível ainda mais complexo. É preciso evidenciar que o presente texto não é contra a liberdade, nem a democracia, mas o quanto ainda se faz necessário tratar sobre como a liberdade da democracia burguesa propõe apenas uma alienação das massas através do voto popular. Ao ouvir a crítica de Frazier à democracia representativa, Castle responde “é importante que o povo sinta que escolheu o governo que quis” e logo é rebatido por Frazier “isso é o pior de tudo. Votar é um meio de pôr a culpa no povo pela situação. O povo não faz as regras, é o bode expiatório. E o povo vai às urnas de tempos em tempos, para renovar o seu direito ao título”. E é sobre toda essa égide que a democracia nos mantém como reféns de nós mesmos.



Contudo, embora a (u)(dis)topia de Skinner indique a possibilidade da vitória do comunitarismo frente ao competitivismo por meio da ciência experimental, ele não abre mão de nos deixar questionamentos filosóficos ao mostrar que Walden II foi criada por um tirano, mesmo que os membros sejam livres para ir embora quando quiser – diferente dos governos totalitários onde as pessoas são obrigadas física e psicologicamente a se assujeitarem a um tirano; ou governo ditos democráticos, onde um pequeno grupo de tiranos assujeitam financeiramente países e indivíduos – cabendo ao leitor o julgamento se há ou não liberdade em Walden II. Dessa forma, se o

[...] tema é uma reação da consciência em constituição para a formação da existência. A significação é um artefato técnico de realização do tema. Evidentemente, é impossível traçar um limite absoluto e mecânico entre o tema e a significação. Não há tema sem significação, como não há significação sem tema (VOLÓCHINOV, 2017, p. 229).

Por meio de Frazier, Skinner atribui significantes à liberdade como tema que, para ele, não existe. O que nos leva a refletir como os membros de Walden II lidariam com o fato de um dos fundadores se verem como uma divindade, já que essa informação remodela toda a significação da comunidade. Talvez então, de fato, o único membro realmente livre de Walden II seja Burris, que conhece todos os significantes de sua construção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Behaviorismo; Democracia; Liberdade; Utopia.

## REFERÊNCIAS

CAPRIOLE, Mariana da Silva. *Análise do Discurso Literário*: proposta de metodologia no processo de Análise Documental de textos narrativos de ficção. Dissertação [Mestrado em Ciência da Informação], UNESP, Campus Marília, 2018.

DITTRICH, Alexandre. *Behaviorismo radical, ética e política*: aspectos teóricos do compromisso social. Tese [Doutorado em Filosofia], UFSCar, 2004.

SKINNER, Burrhus Frederic. *Walden II*: uma sociedade do futuro. Tradução brasileira de Rachel Moreno e Nelson Raul Saraiva. São Paulo: Herder, 1972.

VALÓCHINOV, Valetin. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 1ª Edição. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2017.